



# PHOÏNIX



*Mauiad X*

2012

## CONTRA *INVIDIA*: IMAGEM E ESCRITA NUM MOSAICO AFRO-ROMANO\*

Regina Maria da Cunha Bustamante\*\*

### **Resumo:**

*Na África Romana, os espetáculos de anfiteatro, envolvendo combates de gladiadores (ludi gladiatorii) e caçadas (venationes), eram extremamente apreciados, o que levou ao desenvolvimento de corporações (sodalitates) para a sua promoção. Essas agremiações competiam entre si pelo oferecimento desses espetáculos. Neste artigo, abordaremos esse contexto através da análise de um mosaico figurativo datado do século III e proveniente do frigidarium (sala de banho frio) de uma terma da cidade de Thysdrus (atual El Djem na Tunísia). Nesse mosaico, imagem e escrita se complementam, reforçando a mensagem apotropaica de afastar a invidia (inveja) dos concorrentes.*

**Palavras-chave:** *África Romana; sodalitas; mosaico; apotropismo.*

### **Introdução**

O historiador da contemporaneidade se vê às voltas com uma massa documental avassaladora, situação bem distinta da que nós enfrentamos como historiadores quando nos debruçamos sobre as sociedades antigas. A documentação escrita da Antiguidade é bastante lacunar, tendo sobrevivido vestígios escritos apenas de algumas épocas e localidades (FINLEY, 1994, p.11-35). Seria, portanto, um contrassenso marginalizar qualquer tipo de

---

\* Recebido em 04/09/2012 e aceito em 30/10/2012.

\*\* Professora associada de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do “Laboratório de História Antiga” e do “Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer” da UFRJ e do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, que reúne pesquisadores de diversas instituições acadêmicas brasileiras.

documentação. Nesse sentido, Hartog (2003, p.195) já atentara que o classicista tem o difícil desafio de enfrentar a heterogeneidade documental:

*(...) um texto, uma escavação, uma imagem são 'discursos' diferentes, cada um seguindo sua trilha própria, com sua lógica particular, que, no entanto, precisam ser entrecruzados em algum lugar. Tarefa bastante delicada, tendo em vista que o texto, a escavação e a imagem são, cada qual a seu modo, múltiplos, complexos e conheceram, segundo o ritmo de diferentes temporalidades, mudanças e variações. Eis o que implica ser historiador da Antiguidade – ou a tarefa impossível de situar-se, com acuidade e finura, na encruzilhada de múltiplas competências.*

É justamente esse o desafio que pretendemos enfrentar neste artigo. Trabalharemos com um mosaico que contém diferentes discursos: o imagético e o escrito. Na análise da inscrição musiva, houve a preciosa e imprescindível colaboração da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maricé Martins Magalhães, epigrafista latina.

## **1. Condições de produção do discurso musivo: estilo de vida urbano romano**

O mosaico selecionado para o presente estudo mede 60cm x 40cm. Ele é figurativo e foi feito com tesselas<sup>1</sup> policromáticas em fundo branco, sendo datado do século III e originário de antiga cidade de *Thysdrus*, moderna El Djem na Tunísia. Atualmente, faz parte do acervo do Museu de El Djem.

Na África do Norte na Antiguidade, havia uma tradição púnica na arte musiva. Com o domínio romano na região a partir de meados do século II a.C., após a derrota cartaginesa na Terceira Guerra Púnica (149-146 a.C.), essa tradição foi interrompida, embora subsistisse em algumas cidades púnicas. Por volta do final do século I e do início do II, mosaicistas criavam mosaicos geométricos em preto e branco com padrões muito simples, semelhantes aos italianos do mesmo período, relegando suas próprias tradições. O estilo musivo africano começou a se desenvolver em meados do século II, favorecido pela prosperidade norte-africana, quando os mosaístas da região afastaram-se do padrão italiano, fundamentado em motivos figurativos e geométricos em preto e branco (GERMAINE, 1971, p.155-159), e introduziram gradualmente a policromia nas bordas e a inte-

gração de elementos florais e geométricos. Produziram-se, então, mosaicos figurativos que seguiam a tradição helenística, com cenas idílicas e mitológicas (FOUCHER, 1959, p.263-274). O estilo africano chegou a sua maturidade a partir do século III e foi disseminado em outras partes do Império Romano, como Sicília (CARANDINI, 1967), Sardenha, Roma e Espanha. Esse estilo caracterizou-se pelo uso da policromia e pela representação de cenas cotidianas, caras à elite, num fundo branco. Os mosaicistas da região renovaram seu repertório iconográfico, inspirando-se na realidade ao seu redor. Começaram a se interessar particularmente por aspectos da vida diária (FANTAR, 1994; LING, 1998; DUNBABIN, 2000 e TROMBETTA, 2004), dentre eles, atividades nas grandes propriedades rurais, cenas de convívio (banquetes e festas) e espetáculos, como peças teatrais (*ludi scaenici*), corridas (*ludi circenses*), combates gladiatoriais (*ludi gladiatorii*) e, principalmente, caçadas (*venationes*), patrocinados pela elite local e extremamente apreciados pelas diferentes camadas da sociedade afro-romana.

O mosaico em foco era um *opus tessellatum*: decorava o pavimento da entrada do *frigidarium* (sala de banho frio) de uma terma na cidade de *Thysdrus*, na província romana da África Proconsular. Essa cidade situava-se numa região que, desde a Antiguidade, permaneceu próspera devido à cultura da oliveira e à manufatura do azeite, cuja produção era exportada pelo Mediterrâneo. A partir do século II, a viticultura e, em especial, a oleicultura expandiram-se pelas terras norte-africanas (DECRET & FANTAR, 1988; FÉVRIER, 1989/1990; JULIEN, 1994; MAHJOUBI, 1983, p.473-509; MANTON, 1988; PICARD, 1990; RAVEN, 1984). Verdadeiras florestas de oliveiras passaram a cobrir a região. O plantio da oliveira foi particularmente bem-sucedido devido à peculiaridade da terra e às condições climáticas norte-africanas. Outros fatores também se conjugaram para a promoção desse processo: a conquista de novas terras para a produção cerealífera na Númídia tornou mais leve o encargo da África Proconsular neste setor; a crise da produção do vinho e azeite italianos propiciou a produção nas províncias; a política mais liberal de imperadores de origem provincial para com as regiões não italianas; a existência de terras nas estepes que eram insatisfatórias para a triticultura, mas favoráveis para a arboricultura; e a rentabilidade do comércio de vinho e azeite. A *Lex Manciana* estimulou a olivicultura ao favorecer a exploração de terrenos adversos, como matagais, pântanos, estepes, terrenos acidentados e terras esgotadas pelos triguais. A prosperidade da região acentuou-se com a ascensão da di-